

Agostinho de Hipona

**Carta a Jerónimo de Estridão (ano 415)  
(carta 166)**

Introdução e tradução de Mário Correia<sup>1</sup> e Ana Patrícia Ferreira<sup>2</sup>

Revisão da tradução: Paula Oliveira e Silva<sup>3</sup>

**Introdução**

A *Carta 166* é escrita por Agostinho a Jerónimo e faz parte do conjunto de escritos de Agostinho acerca do problema da origem das almas, da origem do mal e da transmissão do pecado original.

Uma vez que esta carta é enviada por Agostinho a Jerónimo através do presbítero Orósio, o facto permite-nos também identificar esta personagem, que se relaciona com a história da igreja antiga em Portugal. Orósio fugira da Hispânia onde se batera com os priscilianistas acerca daquilo que considerava serem ideias heréticas acerca da origem da alma e vem até junto de Agostinho, no intuito de aprender com ele sobre aspetos da doutrina cristã. Durante este período da sua estada junto de

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia, Departamento de Filosofia da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, Torre B, sala 117 4150-564 Porto, Portugal. Email: [up200903316@letras.up.pt](mailto:up200903316@letras.up.pt)

<sup>2</sup> Mestranda em Filosofia, Departamento de Filosofia da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, Torre B, sala 117 4150-564 Porto, Portugal. Email: [up201201008@letras.up.pt](mailto:up201201008@letras.up.pt)

<sup>3</sup> Professora Auxiliar do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Via Panorâmica s/n; 4150-564 Porto, Portugal. Email: [pvsilva@letras.up.pt](mailto:pvsilva@letras.up.pt).

Agostinho, Orósio desloca-se a Jerusalém e Agostinho aproveita este facto para lhe solicitar que leve a Jerónimo a carta que aqui se traduz, sobre a origem da culpa na alma. No ano em que envia Orósio até Jerónimo (415), redige igualmente, a pedido do autor hispânico, um texto contra os priscilianistas e os origenistas: *Ad Orosium Contra Priscillianistas et Origenistas*. Nela, entre outros aspetos, Agostinho confirma a posição de Orósio contra a tese priscilianista de que a alma humana é divina. É este o pano de fundo da discussão: as dúvidas de Agostinho acerca da origem do pecado na alma, dadas as dificuldades que lhe coloca a tese criacionista defendida por Jerónimo.

Depois de uma breve descrição da vinda de Orósio até si e da sua recomendação a que vá até junto de Jerónimo, Agostinho começa por afirmar quais as suas certezas acerca da alma humana de modo a depois poder colocar melhor as dúvidas. As suas certezas são as seguintes: a alma humana é imortal num certo modo seu, não por ser uma parte de Deus; a alma é incorpórea, e só se pode chamar-lhe corpo se com isso se quiser dizer que corpo é toda a essência ou substância, mas trata-se de um mero jogo de palavras; a alma caiu no pecado não por qualquer causa necessária proveniente da atividade de Deus, mas pela sua vontade livre, e só pode ser redimida através do Mediador, que é Jesus Cristo, e não por qualquer força que lhe seja própria.

Posto isto, Agostinho coloca o problema que o angustia e sobre o qual pede que Jerónimo se pronuncie: “Procuro saber onde a alma contraiu a culpa que a arrastou para a condenação, e também donde provém a morte das crianças se a graça de Cristo não lhes sobrevier através do Sacramento pelo qual também as crianças são batizadas.” (3.6) Na tentativa de resolução deste problema, Agostinho recorda o seu escrito *De libero arbitrio*, no qual coloca quatro hipóteses acerca da encarnação das almas. São elas a derivação a partir da primeira alma; a criação de cada nova alma por parte de Deus; a preexistência de todas as almas e o seu envio para os corpos por algum meio divino; ou a preexistência e a sua ida espontânea para os corpos. A posição que lhe parece mais concordante com a fé cristã é a segunda, que é também a posição defendida por Jerónimo.

Contudo, a hipótese criacionista traz consigo uma nova dúvida: “por que razão [Deus] cria almas para aqueles que sabe que irão morrer em breve?” (5.13) Agostinho deduz que nós não podemos compreender as

razões que levam Deus a dar alma àqueles que irão morrer em breve, visto que não somos como Deus. Porém, se pensássemos como Ele, deleitar-nos-íamos inefavelmente.

O Doutor da Igreja mostra-se preocupado com a alma das crianças que morreram sem serem batizadas e os sofrimentos que estas passam em vida. Deseja saber de onde vem a justiça que castiga estas crianças a tamanho sofrimento se elas mesmas não pecaram. Visto que a culpa não pode vir de Deus, que é bom e justo, ela deve encontrar-se nos humanos adultos, que ao verem as suas crianças doentes sofrem por elas, e assim corrigem-se e tornam-se melhores, vivendo com mais retidão. Já as crianças que sofrem, se já foram batizadas, podem ser salvas da condenação, podendo assim também ser compensadas pelos males que suportam na vida terrena. No entanto, aquelas crianças que morrem sem o batismo parecem estar ainda condenadas. Apesar disso, Agostinho defende mais uma vez que ninguém pode ressuscitar sem ser em Cristo e que quem disser tal coisa “tem de ser detestado como se fosse uma peste para a fé comum” (7.21), o que parece acontecer a quem diz que as crianças não batizadas podem regressar à vida sem Cristo. Por isso, exorta para a necessidade de batizar as crianças logo que nasçam, para que possam ser salvas da condenação que provém de Adão.

Termina a carta envolto em dúvidas, ansiando sair da ignorância por intermédio de Jerónimo. Todavia, não deixa de declarar firmemente aquilo que pensa sobre a libertação das crianças, ou seja, que “nem as crianças recém-nascidas se podem libertar da condenação a não ser pela graça do nome de Cristo, a qual ele confiou nos seus Sacramentos.” (9.28).

## **Tradução**

1.1. Roguei e rogo ao nosso Deus que nos chamou ao seu reino e glória<sup>4</sup> para que nos queira tornar frutífero aquilo que te escrevo, santo irmão Jerónimo, consultando-te acerca daquelas coisas que ignoro. Conquanto a ti te seja a idade muito maior do que a minha, contudo também eu já me considero um ancião: mas para aprender o que é

<sup>4</sup> 1 Ts 2, 12.

necessário, nunca a minha idade poderá ser vista como tardia. Porque embora seja mais conveniente aos mais velhos ensinar do que aprender, é, contudo, mais conveniente aprender do que ignorar aquilo que ensinam. Nada é verdadeiramente mais incómodo de suportar, em todas as minhas angústias de que padeço em difíceis questões, do que a ausência da tua Caridade num lugar tão longínquo que dificilmente te posso enviar as minhas cartas e receber as tuas, por intervalos, não de dias nem de meses, mas mesmo de alguns anos; quando, se fosse possível, quereria ter-te presente todos os dias para te falar de tudo aquilo que quisesse. De qualquer forma, ainda que não possa alcançar tudo aquilo que quero, não devo renunciar a fazer o que posso.

2.1. Eis que veio ter comigo um jovem piedoso, irmão na paz católica, filho pela idade, pela honra presbítero como nós, Orósio, de espírito desperto, ágil na palavra, inflamado pelo estudo, desejando ser um instrumento útil na casa do Senhor<sup>5</sup> para refutar as falsas e perniciosas doutrinas que para as almas dos muito infortunados Hispânicos foram mais trucidantes do que os gládios dos bárbaros para os corpos. Com efeito, ele veio célere até nós desde a costa do oceano, despertado pela fama de que poderia ouvir de mim aquilo que quisesse saber. E a sua vinda não haveria de ficar sem dar fruto. Primeiramente, o de não me dar muito crédito. Depois, ensinei ao homem o que pude; porém, o que não pude, admoestei-o onde poderia aprender e incitei-o para que fosse até ti. Ele acolheu com prazer e obediência este meu conselho ou mandato e roguei-lhe que, quando regressasse da tua casa, retornasse pela minha. Agarrada tal promessa, acreditei ser uma ocasião que o Senhor me concedeu para te escrever sobre aquilo que desejo saber. Indagava quem pudesse enviar-te esta carta mas não me ocorria facilmente ninguém levado pela fé, com obediente entusiasmo e exercitado em longas viagens. Por isso, assim que conheci este jovem, não pude duvidar de que era mesmo ele quem eu estava a pedir ao Senhor.

### **A alma é imortal mas não é uma parte de Deus**

2.3. Peço-te portanto: do que eu esclareço e disserto, aceita o que não te seja reprovável. A questão acerca da alma perturba a muitos, entre os

<sup>5</sup> 2 Tm 2, 21.

quais confesso que eu próprio me conto. Por isso, não silenciarei o que afirmo com toda a firmeza acerca da alma. Em seguida, exporei aquilo que ainda queria que me explicasses. A alma do homem é imortal, de acordo com um certo modo seu. Com efeito, não de modo absoluto, como Deus, de quem está dito que *só ele possuiu a imortalidade*.<sup>6</sup> De facto, a sagrada escritura menciona muitas coisas acerca das almas dos mortos, como quando diz: «Deixa que os mortos enterrem os seus mortos»<sup>7</sup>; mas [menciona estas coisas] no que diz respeito à alma que morre afastada da vida de Deus, de tal maneira que não desiste de nenhum modo de viver na sua natureza; e assim descobre-se que ela é mortal a partir de alguma outra causa, de tal modo que também não é sem razão que se diz imortal. A alma não é uma parte de Deus. Pois se de facto o fosse, seria em todos os casos imutável e incorruptível. Mas se o fosse, nem decairia para pior, nem se aperfeiçoaria para melhor; nem começaria a possuir em si mesma algo que antes não possuía, nem deixaria de ter o que possuía, daquilo que pertence às suas próprias afeições. Que ela se comporta de outro modo, não é necessário um testemunho extrínseco: quem se conhece a si mesmo reconhece que é assim. Ora, em vão se diz aos que querem que a alma seja parte de Deus que aquela turbidez e desonra que vemos em homens muito depravados, e esta fragilidade e doença que experimentamos em todos os homens, não tem origem nela própria, mas no corpo: que interesse tem saber qual a origem da doença? Porque se é imutável, não poderá haver nenhuma origem a partir da qual ela possa ficar doente. Pois àquilo que é verdadeiramente imutável e incorruptível não lhe pode acontecer ser mudado ou corrompido por nenhuma coisa: de outro modo, não só a de Aquiles, tal como as fábulas contam, mas toda a carne seria invulnerável, se nada lhe pudesse acontecer. E, portanto, uma natureza imutável não é a que de algum modo por alguma causa em alguma parte é mutável. Porém, de Deus proíbe-se acreditar outra coisa a não ser que é sumamente imutável. Portanto, a alma não é parte de Deus.

<sup>6</sup> 1 Tm 6, 16.

<sup>7</sup> Mt 8, 22; cf. Lc 9, 60.

### **A alma é incorpórea**

2.4. Que a alma é incorpórea, ainda que dificilmente seja possível persuadir os mais lentos, confesso também eu ter sido persuadido. Mas - para não gerar uma controvérsia supérflua de palavras, ou para não a sofrer eu com razão - dado que a coisa é evidente, a discussão não é acerca do nome: se o corpo é toda a substância, ou essência, ou, se for mais apropriado chamá-lo assim, aquilo que de algum modo existe em si mesmo, então o corpo é alma. E se só se quer chamar incorpórea àquela natureza suprema imutável e que é toda completa onde quer que esteja, então a alma seria um corpo, porque ela própria não é assim. Além disso, se não é corpo a não ser o que está em repouso ou se move por lugares nos espaços com alguma longitude, latitude e altitude, de tal modo que a sua parte maior ocupe um lugar maior, e a menor um menor, e que seja menor na parte do que no todo, então a alma não é corpo. Obviamente, a alma estende-se por todo o corpo que ela anima, não mediante uma difusão no espaço, mas mediante uma certa tensão vital. De facto, ela está presente de modo semelhante através de todas as partículas dele, nem é menor nas menores nem maior nas maiores; mas com uma tensão maior em algumas e menor noutras, e é toda em todas as partes e em cada uma delas está inteira. De outro modo, quando não sente no corpo todo, contudo toda ela sente; com efeito, quando algo tange um ponto exíguo em carne viva, embora esse [ponto] não só não esteja em todo o corpo, mas até dificilmente seja visto no corpo, contudo não passa despercebido à alma; e aquilo que se sente não se alastra pelo corpo todo, mas apenas se sente onde é produzido. Por isso, como pode advir com toda a brevidade [à alma] o que não é produzido no [corpo] todo, a não ser que ela toda se encontre onde se produz [a sensação], sem que abandone o resto [do corpo] enquanto lá se encontra? De facto, aquelas coisas em que se encontra presente e onde nenhuma [sensação] se produz também vivem. É que, se se produzisse [uma sensação] e outra simultaneamente, [a alma] não abandonaria igualmente tanto uma [sensação] como a outra. Consequentemente, a alma não poderia ser toda e simultaneamente em todas e em cada uma das partes do corpo ao mesmo tempo, se estivesse difundida nele no modo como vemos os próprios corpos ocupar espaços menores com as partes menores e maiores com as maiores. Se, portanto, a alma deve ser chamada corpo, não se trata certamente de um corpo tal

como o terreno, nem como o húmido, ou o aéreo ou o etéreo, visto que estes tipos de corpos são maiores em lugares maiores e menores em lugares menores, e nenhum deles está presente na totalidade em alguma parte sua; mas, do mesmo modo que as partes se encontram nos [respetivos] lugares, assim também são ocupadas pelas partes dos corpos. Portanto, quer se lhe chame corpo, quer incorpórea, compreende-se a alma como uma certa natureza própria, criada com a substância mais excelente de todos os elementos da massa do mundo, natureza esta que não pode ser pensada com verdade em nenhuma fantasia das imagens corporais que pelos sentidos da carne percebemos. Pelo contrário, é compreendida pela mente e é sentida pela experiência vital. Não falo destas coisas para te ensinar aquilo que conheces, mas para te dar a conhecer quais os pontos que, acerca da alma, firmissimamente sustento. Deste modo, uma vez chegado àquilo que procuro, não se julgue que eu, por ciência ou por fé, não sustento nada acerca da alma.

### **A alma só é libertada pela misericórdia de Deus**

2.5. Também estou certo de que a alma não caiu no pecado por alguma culpa de Deus, ou por alguma [causa] necessária de Deus ou sua, mas pela própria vontade; e não pode libertar-se deste corpo de morte<sup>8</sup> nem pela sua própria vontade, como se para o fazer tivesse em si uma força suficiente, nem pela morte do próprio corpo, mas só pela graça de Deus por meio de Jesus Cristo nosso Senhor<sup>9</sup>. E em todo o género humano não existe qualquer alma que, para ser libertada, não tenha necessidade do Mediador entre Deus e os homens, que é o homem Cristo Jesus. E seja qual for [a alma] que sai do corpo e seja qual for a idade, sem a graça do Mediador e o seu sacramento, está destinada às penas e no último juízo receberá o corpo para sofrer as mesmas. Se, porém, depois da geração humana, que teve origem em Adão, for regenerada em Cristo e vier a fazer parte da sua aliança, depois da morte o seu corpo encontrará repouso ocupando um corpo e recebendo-o para a sua glória. Estas são as coisas que eu sustento firmemente acerca da alma.

<sup>8</sup> Cf. Rm 7, 24.

<sup>9</sup> Rm 7, 25.

### **De onde deriva a culpa da alma**

3.6. Aceita agora, peço, aquilo que procuro e não me rejeites; assim não te rejeita Aquele que por nós se dignou ser rejeitado. Procuro saber onde a alma contraiu a culpa que a arrastou para a condenação, e também donde provém a morte das crianças se a graça de Cristo não lhes sobrevier através do Sacramento pelo qual também as crianças são batizadas. Com efeito, tu não és como aqueles que começaram a tagarelar coisas novas, afirmando que a partir de Adão não se transmite nenhuma culpa que pelo batismo nas crianças se lave. É que se eu soubesse que é esse o teu juízo, ou melhor, se eu não soubesse que não é, de nenhum modo te perguntaria ou pensaria perguntar-te isto. Mas porque sobre este assunto compreendemos que o teu parecer é concorde com a muito bem fundada fé católica, na base da qual se refutam as vãs palavras de Joviniano<sup>10</sup>, empregaste o testemunho do livro de Job: «Ninguém está limpo a teu respeito, nem sequer a criança que tenha um só dia de vida sobre a terra»<sup>11</sup>; e acrescentaste: «Fomos julgados culpados à semelhança da prevaricação de Adão»<sup>12</sup>. E o teu livro sobre o profeta Jonas esclarece bastante este ponto de um modo insigne e claro, na passagem em que disseste que as crianças jejuam devido ao próprio pecado original, coagidas com justiça.<sup>13</sup> Não é inconveniente perguntar-te a ti onde contrai a alma o pecado de tal maneira que é mister também naquela idade ser libertada por um Sacramento da graça cristã?

### **Quatro textos sobre a encarnação da alma no *De libero arbitrio***

3.7. Eu de facto quando escrevi há alguns anos certos livros sobre o livre arbítrio, que foram parar às mãos de muitos e agora já estão na posse de muitos mais, [considerarei] quatro opiniões acerca da encarnação das almas: se, a partir daquela que foi dada ao primeiro homem, derivam as outras; ou se toda e qualquer uma [que apareça] de novo é também criada; ou se, existindo elas em algum lugar, ou são enviadas divinamente ou descem espontaneamente nos corpos. Assim, pensei tratá-las de tal modo

<sup>10</sup> Jerónimo, *Contra Joviniano*, 2, 2.

<sup>11</sup> Job 15, 4-5

<sup>12</sup> Cf. Rm 5, 14

<sup>13</sup> Jerónimo, *Comentário ao Evangelho de João*, 3, 5.

que, seja qual fosse a [opção] verdadeira, isso não impediria a minha intenção, a qual então eu guiava contra todos os homens quantos podia que se esforçam por introduzir uma natureza dotada de um princípio de mal seu, adversa a Deus, isto é, contra os Maniqueus. De facto, ainda não tinha ouvido dizer nada acerca dos Priscilianistas, que efabulam blasfémias não muito dissemelhantes às dos Maniqueus. Portanto, não acrescentei a quinta opinião, a qual na tua carta recordaste entre as outras, para que não deixasses passar nenhuma, na passagem onde respondeste a Marcelino, homem de santa memória e que nos é muito caro no amor em Cristo, ao interrogar, sobre esta questão, se a alma é uma parte de Deus<sup>14</sup>. [Não examinei esta opinião] em primeiro lugar porque diz respeito não à encarnação da alma, e é esta a questão, mas à sua natureza; de seguida, porque esta está em sintonia com a daqueles contra os quais combatia, e fazia-o sobretudo para distinguir a natureza inculpável e inviolável do Criador dos vícios e labéus da criatura, uma vez que eles contendem que a substância do mal – que atribuem ao princípio próprio e principal, capturado a partir de uma parte da própria substância do Deus bom – foi corrompida e oprimida, e foi levada à necessidade de pecar. E então, excetuando o erro desta opinião herética, desejo por isso saber qual das quatro opiniões restantes deve ser escolhida. Seja qual for a que se escolha, não deverá nunca estar em oposição com esta fé da qual estamos certos, isto é, a toda a alma, mesmo a das crianças pequeninas, é necessária a libertação do fardo do pecado, e esta não se dá senão por meio de Jesus Cristo e da sua crucificação.

#### **A posição de Jerónimo – criacionismo**

4.8. Para não nos alongarmos, certamente consideras que Deus cria ainda agora cada uma das almas para cada um dos que nascem. Quanto a tal opinião, objeta-se que Deus acabou todas as criaturas ao sexto dia e que no sétimo dia descansou<sup>15</sup>, mas fazes uso do testemunho do Evangelho: «O meu Pai continua a fazer a sua obra até agora»<sup>16</sup>. Assim escreveste a Marcelino; e nessa carta dignaste-te lembrar-me com a maior

<sup>14</sup> Agostinho, *Carta* 126, 1.

<sup>15</sup> Gn 2, 2.

<sup>16</sup> Jo 5, 17.

benevolência, indicando que me tinha em África, e que eu podia explicar-lhe facilmente o próprio problema<sup>17</sup>. É que se eu pudesse, ele não te teria posto a questão, sabendo que estás tão longe, pois ele escreve-te a partir de África. Na verdade, não sei quando ele te escreveu. Apenas sei que sabia claramente da minha hesitação; daí que decidi fazê-lo sem me consultar. É verdade, contudo, que se me tivesse perguntado, o teria exortado ainda mais a escrever-te e ter-lhe-ia agradecido a possibilidade que teria dado a todos nós de debater as nossas opiniões. Julgo que não querias trabalhar em vão estando eu aqui, a quem supunhas ser ótimo conhecedor daquilo que ele perguntava. Eis, eu desejo que a tua posição seja também a minha, mas ainda não o é.

**Agostinho prefere escutar um mestre do que ser escutado como mestre.**

4.9. Enviaste-me aprendizes para eu lhes ensinar o que eu próprio ainda não aprendi. Ensina-me então o que lhes hei-de ensinar. De facto, muitos me pedem com insistência que lhes ensine e eu confesso-lhes que entre as muitas coisas que ignoro esta é uma delas. E embora eles talvez se envergonhem de pôr na minha boca estas palavras, contudo no seu íntimo dizem: «tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas?»<sup>18</sup>. De facto, isso é o que o Senhor disse a um daqueles que se deleitavam em serem chamados «Rabi»; daí que ele tenha ido de noite para junto do verdadeiro Mestre<sup>19</sup>, porque talvez se envergonhasse de aprender, dado que estava habituado a ensinar. A mim agrada-me mais ouvir um mestre do que ser ouvido por um mestre. Recordo, com efeito, o que [Jesus] disse àqueles que antes escolheu de entre todos. Disse: «*vós, porém, não deveis chamar «Rabi» aos homens, porque um só é o vosso mestre, Cristo*»<sup>20</sup>. Nem foi um outro que ensinou a Moisés, embora o tenha feito por meio de Jetro<sup>21</sup>, nem foi outro que ensinou a Cornélio, embora o tenha

<sup>17</sup> Cf. Ep. 165.

<sup>18</sup> Jo 3, 10.

<sup>19</sup> Jo 3, 1-2.

<sup>20</sup> Mt 23, 8-10,

<sup>21</sup> Ex 18, 14-23.

feito por meio de Pedro<sup>22</sup>, o primeiro em autoridade entre os Apóstolos, nem foi outro a repreender Pedro, ainda que o tenha feito por meio de Paulo<sup>23</sup>, apóstolo de grau inferior com relação a Pedro. Na realidade, todo aquele que diz a verdade é dado a dizê-la por meio daquele que é a própria Verdade<sup>24</sup>. O que há de errado que faz que até agora não saibamos estas coisas, nem as possamos descobrir quer orando, quer lendo, quer pensando, quer fazendo uso da razão, de tal modo que fica provado que devemos ensinar os ignorantes com grande caridade e aprender dos doutos com grande humildade?

### **Poderá o criacionismo explicar o pecado original?**

4.10. Ensina-me, peço-te, o que devo ensinar, ensina-me o que devo defender e diz-me: se ainda hoje as almas são criadas uma a uma para aqueles que nascem, onde pecam as crianças de tal modo que precisam da remissão do pecado pelo Sacramento de Cristo, ao pecarem em Adão, a partir do qual é propagada a carne do pecado<sup>25</sup>? Ou então, se não pecam, com que justiça do Criador são obrigadas a serem escravas de um pecado de outro – dado que são inseridas em membros dos mortais espalhados – de modo que acabam por ser condenadas se não forem socorridas pela Igreja, tanto mais que elas mesmas não têm a possibilidade da graça de modo a serem ajudadas pelo Batismo? Portanto, diz-me com que justiça são condenados tantos milhares de almas de crianças que saem dos seus corpos sem indulgência do Sacramento cristão se, criadas de novo, se uniram cada uma a cada um dos nascituros, não por um precedente pecado seu, mas pela vontade do Criador, que as criou e destinou para os animar; o qual certamente sabia que cada uma delas iria sair do corpo sem nenhuma culpa sua, mas também sem o batismo de Cristo. Ora, uma vez que não podemos afirmar que Deus força as almas a tornarem-se pecadoras ou que as pune se são inocentes; e uma vez que se nos proíbe negar que as que saem do corpo sem o sacramento de Cristo, também as das crianças, terminam na condenação, suplico-te: de que modo pode ser defendida esta opinião, segundo a qual se acredita que todas as almas não

<sup>22</sup> At 10, 25-48.

<sup>23</sup> Gl 2, 11-21.

<sup>24</sup> Cf. AGOSTINHO, *O Mestre*, 12, 40.

<sup>25</sup> Cf. Rm 8, 3.

derivam de uma única do primeiro homem, mas, tal como aquela foi criada por si só para um só, assim cada uma seria criada para cada um?

### **Resolve-se uma objeção contra a posição antes mencionada**

5.11. Na verdade, penso que posso refutar facilmente aquilo que se diz contra esta opinião. Tal é por exemplo o que, segundo alguns, parece ser posto em questão, a saber: de que modo Deus, tendo completado a criação de todas as coisas no sexto dia e repousado no sétimo<sup>26</sup>, continua a criar até agora almas novas. Se lhes dissermos que [é] a partir do Evangelho que colocaste na carta – «o meu Pai continua a fazer a sua obra até agora.»<sup>27</sup> – respondem: *fazer a sua obra* quer dizer administrar as coisas instituídas, não instituir novas naturezas, para que não se contradiga o Génesis, onde se lê claramente que Deus tinha consumado toda a sua obra. Na verdade, está escrito que ele repousou, entenda-se, de criar novas criaturas, não de as governar, porque tinha feito as coisas que então não existiam, das quais, estando feitas, repousou, pois havia terminado todas as coisas que primeiramente existiam; e viu serem feitas em seguida não as coisas que não existiam, mas, a partir daquelas que já existiam, criou e fez tudo aquilo que fez. Assim mostra-se que ambas [as passagens] são verdadeiras, quer quando se diz que «repousou das suas obras», quer quando se diz que «continua a fazer a sua obra até agora», visto que o Evangelho não pode contradizer o Génesis.

### **Poderá Deus criar almas novas, depois de ter consumado toda a sua obra?**

5.12. A verdade é que os que [sustentam esta hipótese] dizem-no para que não se creia que Deus faz almas novas que não existiam do mesmo modo que aquela primeira [que fez], mas que as cria a partir da única que já existia, ou então que as envia de alguma fonte ou de um algum repositório que então tivesse criado. A estes também se pode responder facilmente que nestes seis dias Deus criou muitas coisas a partir das naturezas já criadas, como por exemplo, das águas fez as aves

<sup>26</sup> Gn 2, 2.

<sup>27</sup> Jo 5, 17.

e os peixes, da terra, as árvores, a erva e os animais. Ora, é manifesto que criou o que então não existia. Com efeito, não existia nenhuma ave, nenhum peixe, nenhuma árvore, nenhum animal. E entende-se bem que, uma vez criadas aquelas coisas que não existiam, repousou e foram criadas, isto é, cessaram de ser criadas a não ser aquelas coisas que ainda não existiam. Quando se diz que agora cria novas almas para cada um dos que nascem - e não as extrai não sei de que fonte já existente, nem as desprende de si como de partículas suas, nem as propaga a partir daquela primeira original, nem as ata com laços carnis por delitos cometidos antes de chegarem à carne - não se afirma que Deus faça algo que antes não tenha feito. Na realidade, já no sexto dia tinha criado o homem à sua imagem, o que quer dizer precisamente que o tinha criado com alma racional. Isso continua a fazê-lo ainda agora, não criando o que não existia, mas multiplicando o que já existia. E é verdade que, uma vez instituídas as coisas que não existiam, repousou, e é verdade também que ainda agora continua a fazer a sua obra, não só governando o que fez, mas também criando mediante a multiplicação das coisas que já tinha criado. Seja assim ou de outro modo, desembaraçamo-nos da objeção do repouso de Deus sobre a sua obra, que nos impedia de crer que [Deus] faz agora novas almas, não a partir daquela primeira, mas iguais àquela primeira.

### **Por que razão dá uma alma aos que hão de morrer em breve**

5.13. Com efeito, quando se diz: «por que razão cria almas para aqueles que sabe que irão morrer em breve?», podemos responder que com isto se denuncia ou castiga os pecados dos pais. Também podemos abandonar essa questão à sabedoria divina, pois sabemos que dá um curso ordenadíssimo e belíssimo a todas as coisas temporalmente transitórias, entre as quais se encontram o nascimento e a morte dos animais; nós, contudo, não podemos compreender, mas se compreendêssemos, provaríamos um deleite inefável. Não foi de facto em vão que o profeta, que aprendeu estas coisas por divina inspiração, disse a propósito de Deus: *é ele que produz as coisas de modo harmonioso*<sup>28</sup>. Por isso, a liberalidade de Deus outorgou aos mortais dotados de almas racionais a

<sup>28</sup> Is 40, 26 (sec. LXX).

música, isto é, a ciência ou a sensibilidade para bem modular, de modo a recordar grandes coisas. Portanto, se o homem, compositor de canções, sabe quais os tempos de pausa que deve interpor a cada uma das vozes de modo a que o canto possa decorrer e desenvolver-se do modo mais belo, com os sons que cessam e se retomam alternativamente, quanto mais Deus, cuja sabedoria, com a qual criou todas as coisas, supera de longe toda a arte, não permite, a respeito dos seres que nascem e morrem, que naquela espécie de canto maravilhoso das coisas que passam, ocorram - com movimento mais breve ou mais longo do que o requerido, o ritmo conhecido de antemão - alguns dos instantes de tempo que pertencem, como outras sílabas e palavras, aos breves períodos deste mundo. Ora, uma vez que isto o poderei dizer também a propósito das folhas de uma árvore e dos números dos nossos cabelos<sup>29</sup>, quanto mais o posso dizer a propósito do nascimento e do ocaso dos homens, cuja vida temporal não se abrevia ou prolonga nem mais nem menos quanto o que Deus, ordenador dos tempos, sabe que está em conformidade com a harmonia do universo!

### **O que tem início no tempo pode ser imortal**

5.14. E de facto aquilo que dizem, que tudo o que tenha tido início no tempo não pode ser imortal, uma vez que todas as coisas que nascem, morrem, e que as que crescem, envelhecem<sup>30</sup>; se, com isto, querem obrigar-nos a acreditar que a alma humana é imortal só porque foi criada antes de todos os tempos, nem por isso se perturba a nossa fé. De facto, para calar outros, a imortalidade da carne de Cristo teve início no tempo e apesar disso *agora já não morre e a morte não mais terá domínio sobre ele*<sup>31</sup>.

### **Por que razão se conferem almas aos concebidos em adultério**

5.15. E quanto ao que no teu livro contra Rufino<sup>32</sup> postulaste que alguns criticam esta posição porque lhes parece indigno que Deus

<sup>29</sup> Cf. Mt 10, 30; Lc 12, 7.

<sup>30</sup> SALÚSTIO, *A Guerra de Jugurta* 2, 3.

<sup>31</sup> Rm 6, 9.

<sup>32</sup> JERÓNIMO, *Apologia Contra os Livros de Rufino* 3, 28.

proporcione almas na concepção adúltera. Daí que estes se esforcem por sustentar que tais almas possam muito bem ser lançadas por assim dizer, em semelhante prisão, como castigo das culpas cometidas numa vida decorrida antes da vida na carne. Não me sinto motivado a pensar muitas coisas que possam refutar esta calúnia. E o que tu próprio respondeste – não é culpa dos grãos no trigo [se a colheita] me for subtraída pelo furto, mas daquele que roubou os cereais, nem deve a terra não abrigar nem cuidar no seu seio as sementes, porque o semeador que as lança tem as mãos imundas – é um elegantíssimo símile. Mesmo antes de ter lido esta objeção colocada a propósito das concepções adúlteras não me criava angústia alguma o que diz respeito a esta questão, considerando em geral que Deus faz muitas coisas boas também com os nossos males e com os nossos pecados. A criação de qualquer dos animais, se quem a considera for piedoso e prudente, suscita a inefável admiração pelo Criador; quanto mais a criação não de qualquer dos animais, mas dos homens! Porém, se se procura a causa da criação, não se pode dar nenhuma outra nem melhor resposta a não ser que toda a criatura de Deus é boa.

### **Por que razão sofrem as crianças inocentes**

6.16. Esta e outras são as razões que posso dar, como me é possível, contra os que se esforcem por abalar esta opinião segundo a qual se crê que é criada uma alma para cada um, como aquela do primeiro [homem]. Mas quando se chega ao problema dos sofrimentos das crianças, fico coartado pela angústia e não consigo encontrar o que responder. Não falo só das penas de condenação depois desta vida, nas quais inevitavelmente são lançadas se tiverem saído do corpo sem terem recebido o Sacramento da graça cristã, mas também das próprias penas que observamos com os nossos olhos e com a dor nesta vida, as quais, se quisesse enumerar todas, faltar-me-ia o tempo para tantos exemplos. [Algumas crianças] languescem com doenças, são atormentadas pelas dores, afligidas pela fome e pela sede, ficam inválidas nos seus membros, ficam privadas dos órgãos dos sentidos, são atormentadas por espíritos imundos. É de demonstrar de que modo é justo que padeçam de todas estas coisas sem ser por causa de algum mal provocado por elas. De facto, proíbe-se dizer que estas coisas se dão na ignorância de Deus, ou que ele não pode resistir aos que as fazem, ou que é injustamente que ele faz ou permite tais coisas.

Porventura é possível e justo dizer do homem aquilo que com razão dizemos dos animais irracionais, que é justo que estes tenham sido dados para serem usados pelas naturezas superiores em dignidade, ainda que corrompidas, como é evidentíssimo no caso daqueles porcos que no Evangelho vemos que foram abandonados à vontade dos demónios que se serviram deles a seu bel-prazer<sup>33</sup>? É certo que também o homem é um animal mas, embora seja mortal, é racional. Há uma alma racional naqueles membros que expia as suas penas. Deus é bom, Deus é justo, Deus é onipotente: duvidar disso é completa demência. Portanto, dir-se-á que têm uma causa justa estes enormes males que se dão nas crianças. Certamente, quando são os adultos que as padecem, costumamos dizer que tal como em Job, servem para provar os méritos, ou tal como em Herodes, para punir os pecados. E a partir de alguns exemplos que Deus quis que se manifestassem, concede-se ao homem tirar uma conclusão sobre outros que se ocultam, mas isto é acerca dos adultos. Porém, quanto às crianças, faz-me saber o que devo responder, se não há nada nelas para que devam ser punidas com tão grandes penas, uma vez que naquela idade não existe seguramente nenhuma justiça que deva ser posta à prova.

### **Qual a causa da demência de algumas crianças**

6.17. E de facto, que direi acerca da diversidade dos espíritos, e mesmo da absurdidade? Ela não se manifesta nas crianças, mas certamente aparece nos adultos desde a sua própria conformação natural. Alguns deles são tão obtusos e privados de memória que não conseguem mesmo aprender as sílabas; outros, que o vulgo chama comumente imbecis, são totalmente estultos, a tal ponto que não diferem muito do gado. Talvez se responda: «são os corpos que produzem isto». Mas porventura, segundo esta posição que queremos defender, a alma escolhe o seu corpo e errou porque se enganou a escolhê-lo? Ou será que, quando se viu constringida a entrar num corpo com a necessidade de nascer, não encontrou outro livre, dada a turba de almas ocupadas em entrar nos corpos, e tal como acontece no espetáculo, alguém ocupa um lugar vazio, assim a alma ocupou não a carne que quis, mas a que pôde? Porventura

<sup>33</sup> Mt 8, 32.

haveremos de dizer ou de pensar tais coisas? Ensina-me, pois, o que pensar, o que deveremos dizer, para que a razão nos mostre com evidência que, uma a uma, se fazem novas almas para cada um dos corpos.

**Que se há de pensar sobre o sofrimento das crianças – no *De libero arbitrio***

7.18. Certamente, eu nos meus livros sobre o livre arbítrio disse algo, se não acerca dos espíritos, ao menos acerca do sofrimento que as crianças padecem nesta vida. Vou citar-te a passagem e mostrar-te que essa razão é insuficiente com relação à questão que temos entre mãos, e eu próprio transcreverei a passagem extraída do terceiro livro. Com efeito, diz assim: «Quanto às punições corporais que atormentam as crianças que, pela sua tenra idade, não cometeram nenhum pecado, se as almas que lhes dão vida não começaram a existir antes dos próprios seres humanos, ainda se costuma reclamar com maior lamento e como que exigir mais misericórdia, quando se diz: “Que mal fizeram para sofrer estas coisas?”. Como se pudesse haver algum mérito pela inocência, antes de se poder praticar algum mal! Mas como Deus pode fazer alguma coisa para corrigir os mais velhos, quando veem as suas crianças, que tanto amam, assoladas pela dor e pela morte, por que razão não o há de fazer? De facto, quando essa dor tiver passado, para aqueles que a padeceram será como se não tivesse existido.

Mas, quanto àqueles em vista dos quais isso aconteceu, ou se hão de tornar melhores, se, uma vez corrigidos pelas tribulações desta vida, se decidirem a viver com mais retidão, ou se, apesar das angústias desta vida, não se quiseram converter ao desejo da vida eterna, não terão forma de se escusar ante a punição do juízo futuro. Todavia, quem poderá saber o que acontece a estas crianças, cujos duros padecimentos esmagam os mais velhos, exercitando-lhes a fé ou pondo à prova a sua compaixão? Quem poderá saber que compensação de bondade reserva Deus para estas crianças, no segredo dos seus juízos, pois, não obstante não terem praticado nenhuma ação reta, contudo também não foi por algum pecado que padeceram tais tormentos? De facto, também não é em vão que a Igreja recebeu como mártires – e manda que assim se venerem – aquelas

crianças que foram mortas quando Herodes procurou o Senhor Jesus Cristo para lhe dar a morte»<sup>34</sup>.

### **Essa opinião não explica satisfatoriamente a encarnação da alma**

7.19. Isso foi o que eu disse então, quando quis reforçar solidamente a posição de que agora tratamos. Como há pouco recordei, seja qual for a verdadeira opinião daquelas quatro acerca da encarnação da alma, esforçava-me por mostrar que a substância do Criador não é culpada e afasta-se absolutamente da relação com os nossos pecados. E, portanto, não tinha a meu cuidado qual delas pudesse ser demonstrada como verdadeira ou falsa, pois essa não era então a minha intenção; desde que, depois de discutir com diligência [todas elas], qualquer que fosse aquela que vencesse as outras, eu estivesse seguríssimo, pois demonstrei que o que defendia era irrefutável, de acordo com aquilo que tratava. Mas de facto agora, mediante a reta razão, quero escolher apenas uma entre todas, se puder. E precisamente por isso, considerando mais atentamente as minhas palavras na passagem que recordei daquele livro, não vejo uma defesa válida e firme daquilo que agora estamos a tratar.

### **Deve ser resolvida a questão acerca das crianças que morrem sem o batismo**

7.20. Na verdade aquilo que é como que o seu suporte é o que eu disse nesse livro: «Quem poderá saber que compensação de bondade reserva Deus para estas crianças, no segredo dos seus juízos, pois, não obstante não terem praticado nenhuma ação reta, contudo também não foi por algum pecado que padeceram tais tormentos?». Mas vejo que posso dizê-lo com razão daquelas que padecem, ainda que seja sem se darem conta, de tais dores pelo nome de Cristo ou pela verdadeira religião, ou porque já foram iniciadas com o Sacramento de Cristo, pois sem a aliança do único Mediador não podem salvar-se da condenação. Deste modo poderia ser-lhes dada uma recompensa também pelos males que suportam sobre a terra nos diferentes sofrimentos. Porém, esta

<sup>34</sup> Agostinho, *Diálogo sobre o Livre Arbítrio*, 3, 23.68 (trad. Paula OLIVEIRA E SILVA, Lisboa, IN-CM, 2001, pp. 357-359).

questão não pode solucionar-se sem uma resposta também para as crianças que morrem depois de gravíssimas dores sem o Sacramento da comunidade cristã: que recompensa se pode pensar para elas, dado que para elas está já preparada, por acréscimo, a condenação? Pois nesse mesmo livro, dei de algum modo uma resposta não suficientemente explicada acerca do batismo das crianças, mas que me parecia satisfatória para aquela obra. E aquilo que respondi – que [o batismo] também é benéfico para os néscios e para os que ainda não têm uma fé sua –, contudo não toma em consideração a condenação daquelas crianças que partem desta vida sem o batismo, dado que estava a tratar de um argumento diferente daquele de que agora aqui se trata.

**Por que razão as crianças estão manchadas pelo pecado, se as almas são criadas por Deus?**

7.21. Mas, omitindo e desprezando as coisas que se padecem por breve tempo e não voltam mais, não podemos desprezar igualmente que *por um único homem veio a morte e por um único homem veio a ressurreição dos mortos, do mesmo modo que em Adão todos morrem e em Cristo todos regressam à vida.*<sup>35</sup> Por esta afirmação apostólica, divina e clara, torna-se evidente que ninguém morre a não ser por causa de Adão e que ninguém alcança a vida eterna a não ser por Cristo. Este é obviamente *todos*, e *todos* porque assim como todos os homens pertencem a Adão pela primeira geração, isto é, pela carnal, assim todos os que alcançam Cristo vêm a Ele pela segunda geração, isto é, pela espiritual. Por esta razão numa e noutra parte se diz *todos*, pois do mesmo modo que todos os que morrem, não morrem a não ser em Adão, assim também todos os que regressam à vida, não regressam à vida a não ser em Cristo. E por isso, se qualquer um de nós disser que na ressurreição dos mortos alguém pode regressar à vida sem ser em Cristo, tem de ser detestado como se fosse uma peste para a fé comum. Do mesmo modo, quem disser que também as crianças que deixam a vida sem terem recebido o seu Sacramento regressam à vida em Cristo, não há dúvida que vai contra a pregação apostólica e condena toda a Igreja, onde por esse motivo nos apressamos e corremos a batizar as crianças, porque sem

<sup>35</sup> 1 Co 15, 21-22.

dúvida acreditamos que de outro modo elas não podem regressar à vida em Cristo. Ora, a quem não regressa à vida em Cristo, resta-lhe permanecer sob a condenação de que fala o Apóstolo: *pelo delito de um só chegou a condenação a todos os homens*.<sup>36</sup> E toda a Igreja acredita que as crianças nascem com a culpa e tu próprio o defendeste com a mais verdadeira fé quando discutes contra Joviniano e expões o profeta Jonas; creio que assim o afirmas também noutras passagens dos teus opúsculos que eu não li, ou que no presente momento não recordo. Procuro, pois, a causa desta condenação nas crianças, uma vez que, no caso de as almas terem sido criadas uma a uma para cada um, não vejo que pecado as almas delas possam ter na sua idade e também não creio que Deus condene nenhuma alma que sabe não ter cometido nenhum pecado.

### **Se a carne é a causa do pecado**

8.22. Será que talvez se deva dizer que na criança só a carne é causa do pecado e que é criada para ela uma nova alma que vive segundo os mandamentos de Deus, com a ajuda da graça de Cristo<sup>37</sup> e a carne, dominada e subjugada, possa adquirir o mérito da incorruptibilidade? Mas, porque na criança a alma não pode agir assim, a não ser que tivesse recebido o Sacramento de Cristo, por meio desta graça ainda não pode ser adquirido na carne dela o que se adquire pelo costume. Porém, se a alma da criança saísse do corpo sem aquele Sacramento, ela própria iria certamente para a vida eterna, pois nenhum pecado a pode separar, enquanto a carne dela não ressuscitar em Cristo, uma vez que não recebe o sacramento dele antes da morte.

### **Pelo batismo salva-se a alma e não apenas o corpo**

8.23. Nunca ouvi nem nunca li esta opinião. Mas com certeza ouvi e acreditei, e por isso falei<sup>38</sup>: porque virá a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e os que fizeram o bem irão para a

<sup>36</sup> Rm 5, 18.

<sup>37</sup> Cf. Rm 8, 3.

<sup>38</sup> SI 115, 1.

ressurreição da vida<sup>39</sup>: esta mesma da qual se diz «por um só homem a ressurreição dos mortos»<sup>40</sup>; ela própria pela qual em Cristo todos regressarão à vida: e os que praticaram o mal, irão para a ressurreição dos condenados.<sup>41</sup> Será que isto também se deverá entender acerca daquelas crianças que, antes de poderem fazer o bem ou o mal, deixam o seu corpo sem o Batismo? Aqui não se diz nada acerca delas. Mas se a carne delas não ressuscitar, pois nem fizeram nenhum bem nem nenhum mal, também não ressuscitará a daqueles que, tendo recebido a graça do Batismo, morreram naquela idade em que não puderam fazer nada de bem nem de mal. Ora, se estes não ressuscitarem entre os santos, isto é, entre aqueles que praticaram o bem, entre quem ressuscitarão eles se não entre aqueles que praticaram o mal? A não ser que acreditemos que algumas almas humanas não receberão os seus corpos, nem na ressurreição para a vida, nem na ressurreição para o juízo. Tal opinião repugna pela novidade antes mesmo de ser refutada. E quem poderá consentir que se acredite que aqueles que correm para o Batismo com as suas crianças, correm não pelas suas almas, mas pela sua carne? O bem-aventurado Cipriano, mesmo sem ter estabelecido nenhuma norma nova, mas atendendo à fé firmíssima da Igreja, para corrigir os erros daqueles que pensavam que não deviam batizar uma criança antes do oitavo dia do seu nascimento, disse que «não se devia arruinar a alma», não a carne; e considerou, em conjunto com alguns dos seus pares no episcopado, que o recém-nascido poderia ser batizado imediatamente.<sup>42</sup>

### **Se apenas o corpo se salvasse pelo batismo, também os mortos deveriam ser batizados**

8.24. Que cada um pense como lhe aprouver, mesmo que contra alguma opinião de Cipriano, em questões que ele talvez não viu o que deveria ter sido visto, desde que ninguém pense contra a claríssima fé apostólica, que prega que todos foram conduzidos à condenação pelo

<sup>39</sup> Jo 5, 28-29.

<sup>40</sup> 1 Co 15, 21-22.

<sup>41</sup> Jo 5, 29.

<sup>42</sup> Cipriano de Cartago, *Carta* 64, 2, 1

delito de um só<sup>43</sup>, condenação esta da qual não se está livre a não ser na graça de Deus através de nosso Senhor Jesus Cristo<sup>44</sup>, no qual regressam à vida todos os que regressam à vida. E desde que ninguém pense contra a tradição solidamente fundada da Igreja, donde, no que diz respeito ao Batismo, se apenas servisse para salvar os corpos das crianças, então deveriam também ser batizados os que morreram<sup>45</sup>.

### **Dificuldade a resolver: porque são condenadas as crianças que morrem sem o batismo**

8.25. Sendo assim as coisas, há que procurar e restaurar a causa pela qual as novas almas para cada um dos que nascem incorrem na condenação, se as crianças morrem sem o Sacramento de Cristo quer a Sagrada Escritura, quer a Santa Igreja testemunham que tais almas são condenadas sem saírem do corpo. Se não se opõe a esta fé muito bem fundada, seja também minha essa tua afirmação de que são criadas almas novas; se se opõe, não seja nem minha nem tua.

### **Questão resolvida pela sagrada Escritura e pelos testemunhos firmes da razão**

8.26. E não me venham dizer que, em defesa desta opinião deve aceitar-se o que está escrito: «[o Senhor] que formou o espírito dos homens no seu íntimo»<sup>46</sup>; e «aquele que moldou os seus corações um por um»<sup>47</sup>. Há que procurar algo irrecusável e fortíssimo que não nos obrigue a crer que Deus condena as almas sem culpa alguma. Além disso, o termo *criar* tem um significado equivalente ou talvez mais forte do que o termo *moldar* e, contudo, está escrito: «criai em mim, ó Deus, um coração puro»<sup>48</sup>. E não se pode pensar que nesta passagem a alma exprima o desejo de ser criada antes de existir. Logo, do mesmo modo que quando já existe é criada sobre a renovação da justiça, assim quando já existe é

<sup>43</sup> Cf. Rm 5, 18.

<sup>44</sup> Rm 7, 25.

<sup>45</sup> Cf. 1 Co 15, 22.

<sup>46</sup> Zc 12, 1.

<sup>47</sup> Sl 32, 15.

<sup>48</sup> Sl 50, 12.

moldada conforme o ensinamento. Nem aquilo que está escrito no Eclesiastes – «Então o pó voltará à terra como antes, e o espírito voltará para Deus, que o criou»<sup>49</sup> – confirma a opinião que desejamos que seja a nossa; em vez disso, apoia aqueles que pensam que todas as almas provenham de uma só. Eles dizem que o pó voltará à terra como antes; mas a carne, da qual isto é dito, não retorna para o homem, a partir do qual se propaga, mas à terra, de onde foi produzido o primeiro homem: assim, também o espírito propagado a partir daquele único não voltará para ele, mas para o Senhor que lho deu. Como esse testemunho lhes soa de tal modo que não é contrário de todo à opinião que desejo defender, eu creio que devia advertir a tua prudência para que renunciés a tirar-me destas minhas angústias com tais testemunhos. De facto, é verdade que ninguém consegue tornar verdadeira uma coisa apenas por ser desejada. Contudo, contentar-me-ei se for possível que esta afirmação seja verdadeira do mesmo modo que desejo que, se for verdadeira, a defendas clara e incontestavelmente.

### **As almas não são de modo nenhum arrastadas para a prisão carnal por pecados anteriormente cometidos**

9.27. Esta dificuldade surge também àqueles que defendem que as almas já existiam em qualquer lado, preparadas desde o início por Deus, e depois seriam sucessivamente infundidas nos corpos. Com efeito, é idêntica a questão que estes colocam: se as almas, sem terem nenhuma culpa, obedientemente vão para onde são mandadas, porque são punidas as almas das crianças que morrem sem serem batizadas? Numa ou noutra das opiniões, a dificuldade é exatamente a mesma. Os que afirmam que cada uma das almas é aprisionada em cada corpo de acordo com os méritos de uma vida anterior, pensam libertar-se mais facilmente desta questão<sup>50</sup>. É isto que eles pensam ser *morrer em Adão*, a saber, ser exposto a suplícios na carne gerada a partir de Adão: de cujo pecado, dizem eles, a graça de Cristo liberta, tanto os pequenos como os grandes. Certamente, é justo, verdadeiro e correto dizer que a graça de Cristo liberta do pecado tanto os grandes como os pequenos. Mas que as almas

<sup>49</sup> Ec 12, 7.

<sup>50</sup> Cf. AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, 11, 23.

pecam noutra vida superior, e por isso precipitam-se nos cárceres da carne, não creio, não admito, não consinto. Primeiro, porque estes propõem não sei que movimentos circulares, de modo que depois de não sei quantas séries de ciclos há que voltar de novo a este fardo da carne corruptível e tolerar os suplícios<sup>51</sup>. Não sei se se pode pensar coisa mais horrível do que tal opinião. Em segundo lugar, qual seria o justo que, depois da morte, não haveria de se preocupar (se é que estes falam verdade) com o temor de vir a cair em pecado no seio de Abraão e a ser lançado nas chamas daquele famigerado lugar<sup>52</sup>? Assim, porque é que este corpo depois de morrer não pode pecar, se antes podia? Finalmente, uma coisa é ter pecado em Adão – no qual todos pecaram, como diz o Apóstolo<sup>53</sup> – e outra coisa distinta é ter pecado fora de Adão e depois ser lançado em Adão, isto é, na carne gerada de Adão como num cárcere. A respeito daquela opinião que pretende fazer derivar todas as almas de uma só, não quero nem discutir, a não ser que seja necessário. E oxalá que esta que agora tratamos possas tu defendê-la – se ela for verdadeira – de modo que nem seja necessário falar desta outra.

9. 28. Porém, eu desejo, rogo com votos ardentes, anseio e espero, tanto quanto possível, que o Senhor me faça sair desta ignorância por intermédio de ti; se, contudo – [e espero] que não seja o caso – eu não o merecer, pedirei para mim paciência ao Senhor nosso Deus, no qual assim acreditamos, de tal modo que se não nos abrir a porta, mesmo quando batemos, não devemos murmurar contra ele. Recordemos primeiro o que foi dito aos próprios Apóstolos: «tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas por agora não as podeis suportar»<sup>54</sup>. Nisto, quanto ao que me toca, também avalio isto: não me indignarei se for indigno de o saber, pois isto mesmo demonstraria que sou mais indigno. Com efeito, ignoro também muitas outras coisas, que não posso recordar ou enumerar; e quanto a esta, toleraria também a minha ignorância se não tivesse medo de que algumas destas opiniões contra aquilo que retemos da firmíssima fé se possam insinuar nas mentes dos incautos. Mas mesmo antes de saber qual a hipótese que se deve ser escolhida, penso que não sou temerário em manter esta posição: aquilo que é verdadeiro não é adverso à

<sup>51</sup> Cf. AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, 12, 21.

<sup>52</sup> Cf. Lc 16, 22-23.

<sup>53</sup> Rm 5, 12.

<sup>54</sup> Jo 16, 12.

robustíssima e fundadíssima fé, segundo a qual a Igreja de Cristo crê que nem as crianças recém-nascidas se podem libertar da condenação a não ser pela graça do nome de Cristo, a qual ele confiou nos seus Sacramentos.